

Roberto Rodrigues fala sobre o futuro do agronegócio brasileiro

Diversificação na produção como incentivo é uma das previsões

Texto: Juliana Malacarne. Edição: Alana Fraga



O aumento da demanda de **alimentos** deve incentivar ainda mais o desenvolvimento do **agronegócio brasileiro**, mas a falta de estratégia comercial pode comprometer a competitividade dos nossos produtos no **mercado mundial**. Como saber o que vêm pela frente? Em entrevista exclusiva à **GLOBO RURAL**, Roberto Rodrigues, embaixador especial da **FAO** para o cooperativismo mundial, ex-ministro da agricultura, deu sua opinião sobre o **futuro** do agronegócio nas próximas décadas e comentou os **desafios** que o país terá que enfrentar se quiser se tornar líder do setor.

O que se pode esperar da agropecuária brasileira nas próximas décadas?

R.R.: Depende, há um fator positivo que é a crescente demanda mundial. A população está aumentando principalmente nos países em desenvolvimento, onde a renda per capita está crescendo em maior proporção do que a dos desenvolvidos. Os estoques mundiais estão baixos em relação aos índices históricos e isso faz com que os preços fiquem altos. O horizonte de demanda cria para a agropecuária brasileira uma condição muito favorável.

Por outro lado, ainda carecemos de uma estratégia consistente para o agronegócio brasileiro. Temos terra disponível, temos uma tecnologia tropical muito desenvolvida e gente competente. Mas falta uma estrutura logística que nos dê condição de competir. Temos gargalos que precisam ser resolvidos e por isso nosso horizonte é dubio. Se uma estratégia for rapidamente desenvolvida e instalada, envolvendo todos os setores do estado Brasileiro em uma visão ampla do agronegócio, e isso, for somado a demanda mundial, o país explodirá e se tornará um grande produtor mundial de alimentos. Se isso não acontecer, ficaremos olhando outros países crescerem enquanto não se estabelece nossa estratégia.

Quais são os principais desafios o Brasil se tornar a grande potência do agronegócio no mundo?

R.R.: Só há um desafio: criar uma estratégia abrangente, articulada e consistente entre o executivo, o

legislativo, o judiciário e a sociedade. Uma estratégia que o Estado brasileiro assuma.

O senhor acredita que o perfil da produção brasileira pode sofrer grandes alterações ou a tendência, para o mercado externo, é que o Brasil esteja produzindo e exportando as grandes commodities a exemplo do que faz hoje?

R.R.: Acredito que podemos agregar valor à nossa exportação, mas é evidente que isso demanda acordos comerciais de caráter governamental e privados entre nossos produtores e os distribuidores estrangeiros. Exemplo típico disso é o café. Nós exportamos 30% do café em grãos do mundo e menos de 3% do café torrado e moído. Aparentemente a solução é simples, é só torrar e moer café aqui. Mas é mais difícil do que parece. Se não houver acordos com supermercados e distribuidores do mundo desenvolvido, nosso café chega ao porto, mas ninguém olha pra ele.

Temos condições de mudar nosso perfil exportador, não só agregando valor ao que já produzimos. A demanda mundial por energia, biocombustíveis e proteínas, por exemplo, é crescente e o Brasil tem condições de se apresentar bem nesses mercados. Sem contar que há também aumento de demanda na área de orgânicos de hortifruti granjeiros, flores e frutas, em que há um potencial fantástico para crescimento. Temos chance de crescer em todos os nichos possíveis.

Como o Brasil poderá produzir mais, respeitando novas políticas ambientais e adequando-se às necessidades mundiais para garantir a segurança alimentar?

R.R.: O Brasil, por enquanto, tem feito muito mais em relação a políticas ambientais do que qualquer outro país no mundo. A área plantada nos últimos 20 anos cresceu 37% e a produtividade aumentou 176% e com isso nós temos 51 milhões de hectares plantados com grãos no Brasil. Se tivéssemos as condições tecnológicas de 20 anos atrás, seriam necessários mais 55 milhões de hectares para atingir nossa atual produção. Em outras palavras, preservamos 55 milhões de hectares. Isto é sustentabilidade, não é compromisso, não é boa vontade, está feito.

O que se pode esperar para a formação dos produtores?

R.R.: Atualmente, as escolas de ciências agrárias no Brasil de nível superior estão se expandindo. Por outro lado, ainda falta um investimento mais vigoroso em cursos de nível médio, técnicos agrícolas. Temos um bom número de engenheiros agrônomos veterinários, e zootecnistas, mas faltam técnicos. É como se tivéssemos um exército de médicos sem enfermeiros. Essa é uma demanda que ainda não foi atendida quanto à mão de obra no agronegócio brasileiro.

O senhor acredita que o agronegócio pode ter uma aceitação e um entendimento maior por parte dos grandes centros?

R.R.: Acredito que isso já deveria existir. Mas aos poucos acho que os centros urbanos estão começando a se conscientizar de que não existe calça jeans, sem algodão e não existe sapato de couro sem churrasco. As pessoas começam a se dar conta dessa ligação siamesa que existe entre rural e urbano. O agricultor não sobrevive sem o consumidor e vice-versa.

O que precisa ser feito para que a opinião pública tenha uma imagem positiva do setor?

R.R.: Esse tema deveria ser abordado mais frequentemente pela mídia brasileira de modo a esclarecer a ligação entre os dois setores. Os órgãos de representação rurais e urbanos também deveriam tentar mostrar essa sintonia estreita. Se for mostrado claramente que o agronegócio representa 23,5% do PIB brasileiro e gera 37% dos empregos brasileiros; se os progressos técnicos forem esclarecidos, se todos perceberem a vantagem que é ter um agricultor moderno e competente, seguramente teremos políticas públicas que apoiem o setor.

Por que, apesar de todos os problemas, a agricultura brasileira é tão eficiente?

R.R.: O grande fator responsável pela eficiência da nossa agricultura é a tecnologia. Temos a melhor tecnologia tropical do mundo. Um segundo fator, é que as crises econômicas sucessivas que se abateram sobre a agricultura acabaram produzindo uma seleção positiva. Aqueles produtores que, por qualquer razão, não puderam incorporar tecnologia e não se organizaram foram excluídos. Isso exigiu dos que resistiram investimentos, dando o salto que foi possível dar. É verdade também que ações de governo contribuíram para o momento atual do agronegócio. O crédito rural cresceu muito nos últimos anos e o desenvolvimento tecnológico foi fortemente incentivado pelos órgãos de pesquisa públicos. Em certo período, houve apoio do governo, o que foi muito bem aproveitado pelos produtores rurais.

Follow @globo_rural

28.2K followers

Curtir

26.846 pessoas curtiram isso.

Imprimir

Fechar